

PSINEP - I ENCONTRO NACIONAL DE PSICÓLOGA(O)S NEGRA(O)S E PESQUISADORA(E)S SOBRE RELAÇÕES INTERRACIAIS E SUBJETIVIDADE NO BRASIL

(0:13) Depoimento de Ms. Roseli de Oliveira (Coordenação Políticas Públicas População Negra e Indígena/SP)

O evento dessa natureza é de fundamental importância, porque o racismo subjetivo, eu acho que é o grande desafio que nós temos para enfrentar. Para qualquer ação de reparação, de proteção e promoção dos direitos, é fundamental tratarmos do indivíduo. Temos aspectos, o Estado brasileiro, o governo do estado de São Paulo, trabalha com os eixos, com leis, com legislação, com normatização para o enfrentamento do racismo, mas sem o olhar crítico do indivíduo, sem essa reconstrução que ele vai ter buscar na história, na sua história, no seu lugar acomodado, naturalizado, de privilégio, não haverá igualdade possível.

(0:50) Depoimento de Humberto Adami (Ouvidor da Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial/ DF)

A importância de repercutir o combate ao racismo, no âmbito da psicologia é trazer do mundo individual para o coletivo. E na minha perspectiva, é que isso possa também trazer consequências na reparação de dano, especialmente do dano moral, nas sentenças dos juízes que julgam as questões de racismo.

(1:22) Depoimento Dra Maria Aparecida Silva Bento (CEERT - SP) em Configuração do Mundo Profissional e Social para o (a) psicólogo (a) negro (a) no Brasil.

Tenho que me enxergar, como Marco dizia, como uma mulher negra, como uma pessoa negra. Mas tenho que enxergar o outro como um branco, e chama - lo como branco para a conversa. Eu quero dizer que a minha subjetividade, que a construção da minha subjetividade, está marcada por essa dimensão da história do segmento negro nesse país.

Temos heranças diferentes, temos histórias diferentes, temos jeitos de explicar a exclusão e a dominação diferentes.

Qual é a possibilidade de pensar negritude sem pensar a branquitude? A resposta da pergunta “O que é ser branco no Brasil?” é “Um ser humano como outro qualquer”. Como ajudar o branco a pensar, que não é nada de “outro ser humano qualquer” ? Não tem nada de outro qualquer!

Um jeito que um branco entra num restaurante, um jeito que um branco circula na sociedade, não tem nada a ver com o jeito que eu entro num restaurante, a maneira como sou olhada, o cuidado com que eu entro, não vou sentando em qualquer lugar, (já sei, já aprendi tudo que eu tinha que aprender!) quando eu entro numa loja, eu sei o cuidado que eu tenho que ter.

Quando eu fiz meu doutorado, aqui nessa poderosíssima Universidade de São Paulo, eu era a única negra. Também nesse momento, estou fazendo um projeto bastante diferenciado com a federação brasileira de bancos, que é um projeto impactante e o meu diálogo, 90% do tempo, é falando de negro para brancos.

Quando se reúnem os bancos, quantos negros vocês acham que eu encontro? Quem tem a caneta na mão para definir hoje as políticas públicas, a maneira dos recursos humanos vão lidar com isso? são eles !

[\(4:00\)](#) E vejam em quantos psicólogos estão entrando em diferentes áreas, e gosto de ver os psicólogos negros trazendo provocando para uma outra reflexão. Talvez, eu acho que uma questão fundamental para nós é trazer essas herança subjetiva, compreender cada vez mais como essa herança subjetiva está se reproduzindo no nosso cotidiano. Mas eu agradeço muito isso, agradeço muito essa possibilidade e convoco a todos nós aqui, brancos e negros. Acho muito interessante que alguns brancos estão aqui, que a gente possa construir um espaço confortável para que o psicólogo negro construa sua teoria, sua organização, construa um conhecimento, uma maneira de atuar que possa transversalizar todas as outras áreas da psicologia. Acho que esse é o grane sonho!

[\(3:06\)](#) **Depoimento Dr. Marcus Vinícius de Oliveira (Instituto Silvia Lane de Psicologia e Compromisso Social)**

E lá em salvador, na Praça Castro Alves, o Nelson Mandela falou uma coisa que dá essa dimensão bem clara. Ele disse que em todos os países para os quais a população negra foi levada contra a sua vontade, arrancada do solo africano, transladada contra a sua vontade, em todos esses países, as populações negras,

descendentes destas pessoas, tem níveis sociais mais precários do que a população em geral.

Quem limpa o metrô lá em Lisboa, são pessoas negras. Quem são os camelôs das ruas de Madri, são negros. No mundo inteiro, só possam existir ocupando essas posições de subalternidade, essas posições de inferioridade, essas posições de precariedade em suas vidas.

[\(5:10\)](#) E quem é que quer descender, quem é que quer reivindicar raízes de gente que não valia nada? Quem é que quer ser parte, ter parte com isso que é o desvalor absoluto? O ocidente, a modernidade ocidental, ela não pode compreender, a Europa e sua produção civilizatória não tem condições de formular um pensamento sobre a questão da diáspora africana e sobre a escravidão, porque toda a estruturação do mundo capitalista foi baseado nisso. Então quando a gente discute o racismo, nós temos que conjugar uma reflexão sobre o projeto civilizatório do ocidente e de quanto somos cúmplices desse projeto.

Não gostamos da parte do projeto, que é a parte que nos faz discriminados, mas só estamos discriminados porque afirmamos o mercado, o desejo de nos colocar como sujeitos consumidores. Estou querendo dizer que nossa condição é muito mais contraditória do que desejaríamos, as coisas são menos lineares. A produção das nossas capturas objetivas e subjetiva estão estabelecidas a partir desse conjunto de elementos.

E o que é que um psicólogo negro tem que os demais militantes do movimento negro, possivelmente não teriam? Um olhar que toma a questão da subjetividade, como um fator fundamental para a compreensão dos processos que não se satisfaz com as leituras objetivistas. Então a nossa responsabilidade para produzir é diferente das demais, espero sinceramente, que coletivamente que estejamos a altura dessas responsabilidades e dos desafios que a história nos coloca para a construção de um país e uma sociedade que seja efetivamente democrática, do ponto de vista também racial.

[\(7:21\)](#) Depoimento Dra Vera Lúcia Benedito (Socióloga e Pesquisadora de Relações Etnoraciais/ SP)

Enquanto que os brasileiros não conseguirem ver sua própria mãe, a mãe indígena e a mãe negra, como fundadoras da sociedade brasileira e internalizar

essa realidade histórica, nós não conseguiríamos ultrapassar as mazelas das práticas cotidianas do racismo.

(9:12) Depoimento Marco Antônio Chagas (Departamento de Psicossomática Psicanalítica Oriaperê/ RJ)

Eu acho que o desafio é nós conseguirmos criar formas de sustentabilidade grupais e individuais, que permitam a capacidade de identificação entre nós todos e que não nos tornem indiferentes. Não façam da diferença, desigualdade. Façam da diferença, singularidade e crescimento.